Banca italiana em situação de falência iminente

VENTURA LEITE

Economista

O colapso do sistema bancário italiano, duplicado em 360.000 milhões de euros de empréstimos mal parados, pode alastrar a França e pôr em causa toda a Banca europeia. É imperioso abandonar a ideia errada de que nunca crise como a actual são as mercados que promovem o crescimento. Os mercados estão a espera, isso sim, de decisões estratégicas.

Tenho muitos diversos artigos alertando para duas realidades muito críticas e interligadas. Defendo e insisto que a Europa terá que assumir uma solução global para o problema das dívidas públicas diferente da via da austeridade, para que os governos possam desempenhar um papel determinante numa estratégia de crescimento, sem o qual as dívidas nunca, nunca, nunca se pagarão. Claro que isso terá que ser concretizado com um compromisso muito sério e com consequências inequívocas para os que falharem!

Porque não será possível alcançarmos uma dívida sem capacidade para a pagar? Já assinalei que a dívida pública e privada (famílias e empresas) europeias andava, no ano passado, pelos 378-370% do PIB europeu, sendo que a dívida pública não ia além dos 90-100% do PIB, o que significa que sem uma nova estratégia de crescimento andamos ao voltas como alguém perdido numa floresta. Tenho dito que a política monetária europeia é errada do ponto de vista do objectivo de estimular o crescimento através dessa estratégia da dívida total, uma vez que a dívida privada é muito maior do que a pública.

Ou seja, é importante e urgente abandonar a ideia errada de que nunca crise como a actual são os mercados que promovem o crescimento. Os mercados estão à espera, isso sim, de decisões estratégicas!

Um estudo recente do McKinsey Institute concluiu que uma das áreas em que era urgente os países aumentarem é a de modernização das infra-estruturas, não porque estejam todas a cair, mas porque não são auto-sustentáveis. É necessário apostar em infra-estruturas que sejam eficientes em termos de custo/benefício para a economia: isso envolve quase uma reconstrução do planeta, pois o Instituto estima serem necessários investimentos na ordem dos 40-50 trilões de dólares, quando o PIB mundial anda na casa dos 78 triliões (novos brtes). Temos, pois, escalas de um período, envolvendo o sector, sistema de tratamento de água, de resíduos, de rede geológica de ciência de transporte de energia, centros de formação, telecomunicações, etc.).

O Instituto publicou recentemente um outro estudo que aponta para o facto de a Europa estar atrasa- da na potencia de digitalização da economia em comparação com outras regiões do planeta. Chamo a atenção para a necessidade de definição de estratégias de crescimento a longo prazo por parte dos governos, dando o exemplo de Singapura, porque a capacidade de posicionamento de cada um nations quantidades de informação (Big Data) é que vai definir a vantagem competitiva das nações e das suas economias.

Depois, tenho chamado a atenção (há alguns anos) para o maior risco para o conjunto da economia, nacional e europeia, que é a situação da banca nacional e europeia. Porquê? Porque numa economia que consome sobretudo com recurso à dívida, esta tem que ser financiada através dos bancos. E, quando esta falha de crédito estoura por desencontro inevitável entre a capacidade de crescimento económico e o serviço da dívida, os bancos são os primeiros afectados, e com eles arrisicam igualmente os seus depositantes. Como é óbvio, isto não invalida a responsabilização das administrações pela má gestão do crédito!

Só pode piorar

Para que a banca sobrevivha numa crise como esta só as garantias e apoios financeiros dos governos aos bancos têm evitado que selam os depositantes a resgatarem os bancos com os seus depósitos (exitiara acabare depois por Rum sem o dinheiro por causa dos impostos adicionais que terão que pagar ao Estado). Em Chipre, no entanto, os depositantes foram os primeiros europeus a serem tais Bicados.

Ou seja, hoje já se assume claramente que, para além dos contribuintes, outros sofrem as consequências dos desmandos dos bancos: começando pelos seus credores, ou seja, instituições que empresssam a banca e que agora serão chamadas a resgatá-los, ou, por outras palavras, ficarem sem os seus créditos (ou ficando com estes transformados a força em capitais social do banco), o que significa que milhões de alforreformes que colocaram os seus poupanças nessas instituições financeiras (fundos de pensões) irão perder parte ou a totalidade das suas poupanças. Foi por mais nada que o governo irlandês resgatou o seu banco, falido por causa de crédito imobiliário.

Como se calcula, o capital dos accionistas não chega para tapar os estudo buracos, pelo que são os depositantes a quem muitos dos seus devedores (consegiram a ameaça de pagar os empréstimos, até aqui vistos como injustos, dos e selos). Pelo não. O problema é que ninguém nos fala dos problemas potenciais, ou ere já reais, aqui ou na estrangeira, e não ser quando surgem.

Em Portugal, só muito recentemente se começou a perceber o estado da nossa banca. Quase todos os dias sentimos que a nossa banca está largamente falida. Agora já não é novidade. Ainda há dias o actual ministro das Finanças de Portugal disse que o anterior Governo era responsável por um buraco de mais de 5.000 milhões de euros na Caixa Geral de Depósitos. Mas não explicou mais. A falta de pudor e de vergonha dos nossos políticos não vai deixar de aumentar com a sala entre os partidos à medida que o desespero vai tomando conta dos governantes e líderes políticos.

Sabíamos que nenhum Governo foi capaz de assumir os problemas de frente, e agora o especulativo só pode piorar, isto também não é surpreendente.

Enfrentar os problemas

Este meu artigo precisava desta introdução para chegar ao ponto que quería deixar aqui. As coisas estão a seguir o seu caminho e, finalmente, nestes dias já se fala mais abertamente da iminência de falência da banca italiana.

Sim, as autoridades europeias e italianas estão em negociações para se evitar o colapso do sistema bancário italiano, que apresenta 360.000 milhões de euros de empréstimos mal parados (o equivalente a cerca de 18% dos seus activos, contra uns 12% em Portugal, e um pouco mais na Alemanha e França), tais e, os bancos italianos estão tecnicamente falidos. Por outras palavras, têm um valor de crédito malparado superior ao seu capital social (dos accionistas), que vão atrapalparado na metrow das hipóteses: os 13%. A quebra do valor das acções dos bancos italianos (e não só!) tem sido brutal e reflecte a ideia negativa dos mercados relativamente ao valor real dos bancos.

Para que serve então esta introdução? Para chamar a atenção para o facto de todos nos estarmos sobre a gravidade da situação que hoje vivemos. A coberção pelos bancos centrais e membros sobre a situação dos bancos, desde os chamados testes de tensi até as declarações mais recentes (quem não se lembra do Governador do Banco de Portugal a dizer que o sistema bancário estava forte!).

A Europa tem evitado enfrentar os problemas, mas quando eles atingem a dimensão dum Brexit, e agora da crise bancária italiana, já não será possível fugir mais aos seus problemas cruciais. Já não são os problemas da Grécia, de Portugal ou de Chipre, países pequenos, mas sim de países grandes, que podem provocar uma evolução potencialmente sistémica. Se não sentirar da forma como evoluiu a crise na retrocisão Grécia e a forma como foi tratada pelas autoridades europeias, eu diria que há um crescido de negação que vive entrar e persis, mas que acaba por ser mais descontrolável/poder para os governantes e líderes europeus. O Brexit é o resultado desta política antes vezes falsa, outras vezes incompetentes, da União Europeia.

Como escrevi antes do referendo na Reino Unido, qualquer que fosse o resultado do referendo, isso não teria sido o princípio nem o fim de nenhum processo fundamental, mas um acontecimento que é parte dum processo que coloca o futuro do projecto europeu em causa. Os próximos problemas e a forma como a Europa vai lidar com eles, será indicador da capacidade que resta na Europa para se evitar o pior.

E se alastra à França…

Sobre a crise da banca italiana, fala-se dum apoio europeu sob a forma de autorização para uma ajuda governamental de cerca 150-180 mil, milhões de euros ao diretento (injecção para capitalização e garantia de ttotalo e alteração de recurso por parte dos bancos italianos. Sabemos que os números iniciais estimados para as intervenções são claramente suficientes.

Consequências? Os contribuintes italianos vão ser chamados, e vai-lhes ser aplicada a mesma receita já conhecida.

E se depois o processo alastra à França, bem podemos ter mais promessas de referendo…

Tenho uma curiosidade: como chegaram os bancos italianos a uma tão monstruosa soma de empréstimos malparados, quando nunca se falou em tanta irestidade em Itália?

A Europa está como uma bicicla toeta quando se acende a luz. E tenha pena, porque o projecto europeu era uma alternativa necessária aos blocos económicos, militares e culturais que conhecemos. Mas para isso não podia ficar na mão de políticamente correctos e irresponsáveis, e os cidadãos europeus não podiam ficar anestesiados. Tive exactamente que ser chamados a tomar posição.

Preparemo-nos, pois, porque os caminhos nada costumam ser plano: do que as minhas previsões (pessimistas, como alguns amigos costumam dizer-me.) Não como posso ser positivo neste quadro, e impulsivo? Pela tarde que tenho pela eu meus filhos e netos, muito gostaria que esses amigos tivessem razão!

TWITTER FACEBOOK GOOGLE +

« PREVIOUS ARTICLE
Política e Bandeira, crise relacionada em Setembro

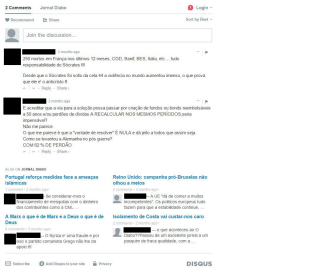
NEXT ARTICLE »
Edição de 23 de Julho de 2016

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura…



ALSO ON JORNAL DIABO

Portugal reforça medidas face a ameaças islâmicas

A Marx e que é de Marx e a Deus o que é de Deus

Reino Unido: campanha pró-Bruxelas não olhou a meios

Isolamento de Costa vai custar-nos caro

SIGA-NOS

INSCREVA-SE NA NEWSLETTER

Fields marked with an * are required

Nome *

e-mail *

Email

MAIS RECENTE

Edição de 27 de Setembro de 2016

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura…

O vil corpo da política portuguesa

A caminho do socialismo puro e duro

ARTIGOS MAIS POPULARES

Isto é um assalto – Filha de Camilo Mortágua no Parlamento

Finlândia: Vai dar-se o Nokia outra a Helkovia

Angola, entram e haja

Quando a economia portuguesa cresce 10% ao ano

Finlândia em crise admite deixar Euro

A tragédia enquanto do descolonização

Não faz vaiuzadas boa para a tropa

Tudo tudo? Mas, pois!